

# PROESIA

Este poema  
não nasce do acaso.  
Veio do vento.  
Veia do intento.  
É um poema simples, até sorri  
de si e de sua "transinspiração".  
É calmo. Alvo. Solidário.  
Jamais solitário: nós o reconstruímos  
do pó. Do nada. De algo mais.  
Simples e preciso, puro como uma criança impura.  
Aliás, é de pureza que ele cala.  
Ou melhor: exala.  
A pureza, por exemplo, da nuvem suspensa  
no azul infindo.  
O poema, também, é santo e alegre, como este sábado  
à tarde (meu filho adolescente pedalando por aí, nas ruas;  
eu em casa, tremendo...)  
Separado. Claro. Pleno.  
Como saberás, leitor(a), se o poema quer dizer algo?  
Branca página entre negras letras, sem fundo amarelo ou vermelho.  
O poema, claro, tem a cara de outro poema e beija a face dos homens.  
Todavia, é meu, é teu, é vosso - água cristalina  
em impetuosa torrente. Ar genuíno de montanhas e bosques.  
Fina fissura estetizada.  
Não declara o óbvio, o poema. Não diz "silêncio".

Apenas sussurra: leve alegria  
da palavra poesia.

Elias Paz e Silva  
09/10/2004

Obra original disponível em:  
<http://www.overmundo.com.br/banco/proesia>